

**EDIFICANDO O ALICERCE**

Um edifício, para ficar de pé, precisa de bons alicerces. A fé cristã também tem os seus, e um dos mais importantes é a oração. Quando alguém se insere numa igreja, uma das principais lições que aprende é exatamente sobre oração. Entre outras coisas, ele aprende que a oração é muito importante para o bom andamento da vida cristã.

Não é por falta de ênfase, mas por falta de prática, que a oração tem declinado lamentavelmente nos últimos tempos. Um autor, Leonard Ravenhill, escreveu: “é possível que Deus nunca tenha visto um grupo de crentes tão incrédulos como os desta geração”. Incredulidade essa que se manifesta pela falta e pelo esfriamento da oração.

A oração não é simplesmente amontoar pedidos e apresentá-los a Deus de forma aceitável. Não é tornar-se simplesmente consciente das respostas e da orientação de Deus. Ele não nos ensina a orar sem cessar para que possa enviar uma orientação revisada sempre que for necessário. O objetivo da oração é muito mais profundo. A oração é um meio de nos manter em comunhão constante com Deus Pai e Deus Filho, por intermédio do Espírito Santo.

Então, sendo isso realmente verdade, pensemos no que aconteceria se todo o crente se comprometesse com Deus, levasse a sério a sua vida de oração e começasse a orar regular e especificamente, unindo-se a milhões de outros cristãos em todo o planeta, todos orando pelas mesmas necessidades prioritárias ao redor do mundo.

Um bom estudo.

# Atitude

REVISTA DO JOVEM CRISTÃO

**Atitude Aluno** é uma revista que destina-se aos jovens (18 a 35 anos), contendo lições para a Escola Bíblica Dominical, artigos gerais, passatempos bíblicos e outras matérias que promovem o aperfeiçoamento do jovem nas mais diferentes áreas

Copyright © Convicção Editora  
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização  
por Convicção Editora  
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

## Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972  
Rio de Janeiro, RJ  
Telegráfico – BATISTAS

## Editor

Sócrates Oliveira de Souza

## Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida (RP/16897)

## Redação

Valtair Afonso Miranda

## Produção Editorial

Oliverartelucas

## Produção e Distribuição

Convicção Editora  
Tel.: (21) 2157-5567  
Rua José Higino, 416 – Prédio 16  
Sala 2 – 1ª Andar – Tijuca  
Rio de Janeiro, RJ  
CEP 20510-412  
conviccao@conviccaoeditora.com.br

ISSN 1984-8633  
LITERATURA BATISTA  
ANO CXIV – Nº 455

## AUTOR DOS ESTUDOS DA EBD

As lições deste período foram escritas por **Israel Belo de Azevedo**, bacharel em Jornalismo, mestre em Teologia, doutor em Filosofia. Autor de diversos livros, como "O prazer da produção científica" e "Olhar de incerteza". Pastor da Igreja Batista de Itacuruçá, no Rio de Janeiro e ex-diretor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

## NOTA DA REDAÇÃO

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, as opiniões do corpo redatorial da revista

---

## //SUMÁRIO

### //EBD

Lição 1 – Jacó, um homem de oração.....	12
Lição 2 – A mulher que ora com lágrimas .....	17
Lição 3 – Orando como Jó orava.....	22
Lição 4 – Orando com os salmos – I.....	27
Lição 5 – Orando com os salmos – II.....	32
Lição 6 – Jeremias, o campeão – I.....	37
Lição 7 – Jeremias, o campeão – II.....	42
Lição 8 – Daniel orava com a alma.....	47
Lição 9 – Habacuque se queixa e confia.....	52
Lição 10 – Jesus nos ensina a orar – orações em Mateus.....	57
Lição 11 – Jesus nos ensina a orar – orações em Lucas e João.....	62
Lição 12 – Jesus nos ensina a orar – orações em João.....	67
Lição 13 – Orações são trovões.....	72

### //SEMPRE EM ATITUDE

Leitura bíblica .....	4
Tema da EBD .....	5

### //AINDA EM ATITUDE

Se você somar.....	77
Para interpretar a Bíblia.....	79
A riqueza que eu quero.....	89
Coragem do casamento.....	90
As dificuldades da oração.....	91

# » LEITURA BÍBLICA

## Semana 1

SEG	Gênesis 25.24-34
TER	Gênesis 26.1-35
QUA	Gênesis 27.1-46
QUI	Gênesis 28.1-22
SEX	Gênesis 29.1-31
SÁB	Gênesis 32.1-32
DOM	Gênesis 49.1-33

## Semana 2

SEG	1Samuel 1.1-8
TER	1Samuel 1.9-19
QUA	1Samuel 1.20-28
QUI	1Samuel 2.1-11
SEX	Êxodo 15.1-22
SÁB	Juízes 5.1-32
DOM	Lucas 1.46-56

## Semana 3

SEG	Jó 1.1-22
TER	Jó 6.1-7.21
QUA	Jó 9.1-10.22
QUI	Jó 13.1-14.22
SEX	Jó 30.1-31
SÁB	Jó 38-41.34
DOM	Jó 42.1-17

## Semana 4

SEG	Salmo 5
TER	Salmo 6
QUA	Salmo 8
QUI	Salmo 18
SEX	Salmo 19
SÁB	Salmo 23
DOM	Salmo 25

## Semana 5

SEG	Salmo 42
TER	Salmo 63
QUA	Salmo 88
QUI	Salmo 130
SEX	Salmo 139
SÁB	Salmo 140
DOM	Salmo 144

## Semana 6

SEG	Jeremias 1.1-19
TER	Jeremias 2.1-3.5
QUA	Jeremias 3.6-4.4
QUI	Jeremias 4.5-6.30
SEX	Jeremias 7.1-8.3
SÁB	Jeremias 8.4-9.26
DOM	Jeremias 10.1-25

## Semana 7

SEG	Jeremias 11.18-12.6
TER	Jeremias 14.1-15.21
QUA	Jeremias 16.1-17.18
QUI	Jeremias 18.1-23
SEX	Jeremias 32.144
SÁB	Jeremias 33.1-26
DOM	Jeremias 52.1-34

## Semana 8

SEG	Daniel 1.1-21
TER	Daniel 2.1-49
QUA	Daniel 3.1-30
QUI	Daniel 4.1-37
SEX	Daniel 5.1-31
SÁB	Daniel 6.1-28
DOM	Daniel 9.1-27

## Semana 9

SEG	Habacuque 1.1-11
TER	Habacuque 1.12-17
QUA	Habacuque 2.1-14
QUI	Habacuque 2.15-20
SEX	Habacuque 3.1-7
SÁB	Habacuque 3.8-16
DOM	Habacuque 3.17-19

## Semana 10

SEG	Mateus 3.1-17
TER	Mateus 4.1-25
QUA	Mateus 5.1-48
QUI	Mateus 6.1-34
SEX	Mateus 7.1-29
SÁB	Mateus 11.20-30
DOM	Mateus 26.36-46

## Semana 11

SEG	Lucas 4.14-44
TER	Lucas 7.1-50
QUA	Lucas 8.1-56
QUI	Lucas 9.1-62
SEX	Lucas 10.1-37
SÁB	Lucas 11.1-36
DOM	Lucas 23.33-48

## Semana 12

SEG	João 1.1-51
TER	João 2.1-25
QUA	João 10.1-21
QUI	João 11.1-45
SEX	João 12.20-50
SÁB	João 17.1-12
DOM	João 17.13-26

## Semana 13

SEG	Apocalipse 4.1-11
TER	Apocalipse 5.1-14
QUA	Apocalipse 6.1-17
QUI	Apocalipse 11.15-19
SEX	Apocalipse 15.1-8
SÁB	Apocalipse 16.4-7
DOM	Apocalipse 22.6-21



# O DEUS A QUEM ORAMOS É NÓS

PR. ISRAEL BELO DE AZEVEDO

RIO DE JANEIRO, RJ

Há dois grandes ensinamentos acerca da oração na Bíblia, um no Antigo Testamento, outro no Novo Testamento. Eles guardam uma íntima relação com seu conteúdo. No Antigo Testamento (2Cr 7.14,15), encontramos um convite, feito por Deus a Salomão, a uma vida de oração. O outro (Mt 6.9-13) traz o modelo para uma vida de oração, como ensinado por Jesus Cristo a seus discípulos e a nós.

## O DEUS A QUEM ORAMOS

Se tomamos a oração como um projeto para a nossa vida, precisamos primeiramente afirmar quem é o Deus a quem oramos.

### Um Deus Senhor

Aprendemos na passagem de 2Crônicas que o Deus da Bíblia é um Deus

Senhor, absolutamente perfeito, soberano e radicalmente diferente de nós.

O texto de Crônicas é contemporâneo de boa parte das tragédias gregas. Nelas, os deuses são muito semelhantes aos seres humanos, tendo vontades próprias dos humanos; são até arbitrários, mas não são perfeitos. A literatura grega traduz o desejo humano de ter Deus se portando à nossa imagem e semelhança. A um deus assim não cabe orar. Esse é um deus servo, não um Deus Senhor, como o da Bíblia.

Dizer que ele é Senhor significa afirmar que toda a história lhe está submetida. O versículo 13 é bem claro a este respeito, quando ele mostra do que é capaz: *de cerrar o céu de modo que não haja chuva, de orde-*

*nar aos gafanhotos que consomem a terra e de enviar a peste entre o meu povo (7.13). Quem controla a instância mais incontrolável, a instância da natureza, controla todas as outras.*

Dizer que Deus é Senhor significa afirmar também que ele é incontrolável, imaniplável. Os filhos tentam (geralmente conseguindo) manipular os pais com uma lisonja (um elogio ou um carinho inesperado ou atípico); como filhos de Deus, tendemos a fazer o mesmo, mas é completamente inútil.

Há muitos que pensam que as expressões de louvor de nossas orações têm a finalidade de lhe conquistar a simpatia, quando, na verdade, o louvor visa mostrar as diferenças entre ele e nós, o perfeito ouvindo os imperfeitos, os imperfeitos buscando o perfeito. Na verdade, se a nossa vida estiver realmente comprometida com o louvor da glória de Deus, *seremos para os outros a manifestação visível da graça de Deus operando através de nós e em nós.*<sup>1</sup>

Dizer que Deus é Senhor significa afirmar ainda que ele é radicalmente diferente de nós. Esta marca do caráter de Deus não é para nos tornar pequenos, mas para lembrar que ele é grande demais.

O profeta Miqueias traça um perfil de Deus que nos deve servir de consolo: *tornará a ter compaixão de nós; pisará aos pés as nossas iniquidades e*

*lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar (Mq 7.19).*

Quem de nós consegue voltar a ter compaixão de alguém que, por exemplo, nos virou o rosto, quando apenas lhe queríamos fazer o bem? Quem de nós fará pouco caso das maldades humanas, jogando-as no chão, como quem amassa o lixo na cesta? Quem de nós envia os pecados para contêineres ancorados definitivamente no fundo do mar? Deus, somente Deus. É a este Deus, radicalmente diferente de nós, que nós oramos.

Por isso, quando orar, não ore ao deus que está dentro de você, como ensinam infantilmente os esotéricos em geral, porque Deus é o soberano que nos criou; não somos nós que o criamos.

Quando orar, não ore temeroso de que o seu problema seja difícil demais para ele. Quando Sara já estava conformada com sua esterilidade permanente, em função da sua idade avançada, Deus lhe fez a seguinte pergunta-promessa: *Acaso, para o Senhor há coisa demasiadamente difícil? Daqui a um ano, neste mesmo tempo, voltarei a ti, e Sara terá um filho (Gn 18.14).*

Quando orar, não ore achando que pode convencer Deus a ser compassivo com você. Ele, por sua natureza, já o é. Ao longo da Bíblia, Deus é chamado de compassivo 11 vezes e de misericordioso outras 17.

Toda vez que começar a pensar em Deus diferentemente disso, pesquise na Bíblia os atributos de Deus. É um

<sup>1</sup> PETERSON, Eugene, DAWN, Marva. **O pastor desnecessário.** Tradução de Cláudia Ziller Faria. Rio de Janeiro: Textus, 2001, p. 45.

bom exercício para a memória e para a fé. Eis um deles: *Porque, se vós vos converterdes ao Senhor, vossos irmãos e vossos filhos acharão misericórdia perante os que os levaram cativos e tornarão a esta terra; porque o Senhor, vosso Deus, é misericordioso e compassivo e não desviará de vós o rosto, se vos converterdes a ele* (2Cr 30.9).

Confira na sua Bíblia, também, as seguintes passagens da Escritura: Êxodo 34.6; 2Crônicas 30.9; Salmo 37.26; Salmo 69.16; Salmo 86.5; Salmo 86.15; Salmo 103.8; Salmo 116.5; Jeremias 3.12; Joel 2.13; Tiago 5.11; Gênesis 19.16; Êxodo 22.27; Deuterônimo 4.31; Neemias 9.17; Salmo 78.38; Salmo 111.4; Salmo 112.4; Salmo 145.8; Jonas 2.8; Jonas 4.2; Lucas 6.36; Hebreus 2.17.

Não sabemos quase nada a respeito de Deus, mas sabemos que ele é misericordioso e compassivo. Isso já é suficiente.

### **Um Deus respondedor**

Quando apareceu a Salomão à noite, depois de um longo período de louvor e intercessão, Deus tomou a palavra nos seguintes termos: “ouvi a tua oração” (v. 12). Esta oração, uma das mais longas da Bíblia, está registrada em 2Crônicas 6.14-42.

Antes de falar, Salomão, com todos que estavam naquele lugar, experimentou a presença de Deus. Aliás, Deus não precisaria falar mais nada. Sua presença bastava, mas ele falou, para que não houvesse nenhuma dúvida de que é um Deus respondedor.

Nós sabemos que não há alegria maior que ter uma oração respondida, mesmo quando não pedimos nada para nós, como nesse caso, em que Salomão intercedeu pelo seu povo.

Se nós buscarmos os verbos *ouvir*, *escutar* e *responder* na Bíblia, ficaremos surpresos, porque eles são contados aos milhares.

Depois de uma experiência de resposta, o poeta exclamou prazerosamente: *Agora sei que o Senhor salva o seu ungido; ele lhe responderá lá do seu santo céu, com a força salvadora da sua mão* (Sl 20.6).

O profeta Isaías tinha pleno conhecimento do modo como Deus agia e age: *Acontecerá que, antes de clamarem eles, eu responderei; e estando eles ainda falando, eu os ouvirei* (Is 65.24).

Por isso, o profeta Jeremias registrou esta pérola adornada com ouro acerca do amor de Deus por nós: *Clama a mim e responder-te-ei e anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes* (Jr 33.3).

### **Um Deus a quem podemos buscar**

Se eu fosse Deus, teria um critério para responder às orações. Se eu fosse Deus, quando uma pessoa temente a mim, com uma vida honesta, que sempre me buscasse e sempre me louvasse, orasse a mim, eu atenderia. Se eu fosse Deus, quando uma pessoa semelhante a Jonas, que só me busca quando está no ventre do abismo, orasse, ele poderia se ar-

rebenotar de clamar, mas não atenderia. Se eu fosse Deus e agisse assim, eu continuaria sendo justo. Só que se Deus fosse assim, quem de nós seria atendido por ele?

Nós temos uma imensa dificuldade de buscar Deus nas horas em que não precisamos dele, ou melhor, na hora em que achamos que não precisamos dele, porque a hora em que mais precisamos dele é a hora em que achamos que não precisamos dele. É nesta hora que o pecado nos alcança e nos derruba.

Quando estamos na dificuldade, nós pecamos menos, porque estamos com os olhos fixados nele, buscando as suas bênçãos. Quando estamos na facilidade, nós pecamos mais, porque olhamos para nós mesmos, para os objetos que nos trazem bem-estar à nossa presença, e nos esque-

ceamos de estar bem na presença do nosso Senhor. Nem por isso, no entanto, ele nos deixa de atender, mesmo que estejamos no vale mais profundo da morte que nós mesmos cavamos (com o pecado, que nos leva para baixo) ou que a condição humana cavou para nós (por meio da doença, do desemprego, do desamparo).

A passagem bíblica em questão (v. 13) fala de três situações que nos afligem: a falta de chuva, os gafanhotos consumidores e a peste.

**A falta de chuva representa todo tipo de escassez material.** Numa sociedade agropastoril, como a de Israel, sem chuva não havia mantimento, porque a lavoura não florescia. Não havia também leite, pela falta de pasto para o gado. A falta de hoje é a falta de condições para o autos-





sustento, por meio de um emprego ou trabalho. O desemprego é uma realidade assombrosa para grande parte dos brasileiros.

**Os gafanhotos consumidores são as dificuldades diversas que nos assolam, de surpresa e fora do nosso controle.** São aquelas coisas pequenas (não as gigantescas, facilmente perceptíveis, como os guerreiros inimigos da experiência dos espíritos de Números 13) que nos acosam. São aquelas dificuldades que nos advêm em grande volume, como gafanhotos incontáveis (Sl 105.24) e, por vezes, todas ao mesmo tempo. São aquelas provações que parecem voar sobre nós, sem que lhes saibamos as origens (Na 3.17).

**A peste representa claramente a enfermidade.** Embora as ciências médicas avancem na cura, elas avançam também na descoberta de novas doenças. Sejam elas de ordem física ou psíquica, não há uma família que não as tenha experimentado. A doença é pior que a falta de recursos materiais, porque contra esta podemos lutar ou podemos ser ajudados pela generosidade dos irmãos; a doença, às vezes, chega a um ponto que pouco podem fazer por nós, além das indispensáveis orações.

Seja qual for a escassez, no entanto, Deus garante que devemos e podemos buscá-lo em oração. Mesmo que tudo isto nos aconteça, talvez em conjunto, ele nos ouvirá se o buscarmos em oração. Esta é a promessa do Pai ao qual chamamos “meu” e “nosso”. Seja como estivermos, não

estamos sozinhos, tanto por Deus ser o que é, quanto por sermos parte do seu povo.

A promessa de Deus não quer dizer que somos invencíveis. Certa vez, ouvi um pastor num programa de televisão pedir a todos que se dessem as mãos e gritassem: “Nós somos invencíveis, pelo poder de Deus!” O que a Bíblia diz é que, embora tenhamos aflições (e como as temos), nada nos pode separar do amor de Deus.

O apóstolo Paulo em Romanos 8.35-39 alista as coisas terríveis que nos atingem, inclusive a morte, uma derrota real aos olhos humanos. Ele diz que somos mais que vencedores, isto é, não vencedores sob a ótica humana, mas vencedores sob a ótica de Deus.

Sob a ótica humana, a morte é *menos um* querido conosco. Sob a ótica divina, a morte de um santo é *mais um* na sua presença. A morte de um cristão não é separação, mas encontro. Não podemos confundir ilusão com esperança. Ser invencível é ilusão de super-herói. Ser mais que vencedor é estar escondido sob a cruz de Cristo. Esta é a esperança cristã. Não estamos sozinhos, não pelo que nós somos, mas por aquilo que Deus é.

## QUEM SOMOS NÓS

Também não estamos sozinhos por sermos povo de Deus, de um Deus absoluto e compassivo que se relaciona conosco. Deus nos considera seu povo.

Precisamos entender que somos povo de Deus, o que quer dizer que integramos uma comunidade. Apesar disto, temos dificuldade de nos relacionar uns com os outros. Tentemos a ver o nosso próximo (colega, amigo, parente, irmão em Cristo) como um nome, um número, um título, uma coisa ou mesmo um estorvo. Não há encontro verdadeiro assim. Só há relacionamento autêntico quando as almas se encontram, quando aquele que eu sou se encontra com aquele que o outro é.

No fundo, nossa dificuldade é que não queremos nos relacionar com o eu do outro, porque também não queremos que ele se relacione com o meu eu. Achamos que assim é melhor. É muito mais tranquilo, embora superficial, vazio e sem valor.

É lamentável que as pessoas se relacionem não com uma pessoa mas com o cargo que ocupa ou com o título que porta. Uma das coisas que gosto numa igreja é quando nela ninguém é professor ou doutor, mas apenas irmão. O tratamento “irmão” indica um desejo, desejo de relacionamento, e só há relacionamento entre iguais.

Nisso temos que aprender com Deus. Ele é absolutamente diferente de nós, por sua perfeição, mas também porque, perfeito sendo, permite que nós o chamemos de “meu” ou “nosso” Pai, Senhor, Deus. Ele não se conserva escondido na distância. O Senhor quer restabelecer conosco a dinâmica perdida no Éden, quando vinha conversar com Adão e Eva ao

final da tarde. Oração não é precisamente conversa com Deus?

Precisamos de Deus, a quem podemos chamar “nosso” Deus. Ele nos considera como indivíduos e, ao mesmo tempo, seu povo. Deus nos trata individual e coletivamente. É assim que devemos nos ver, como “eu” e como “nós”.

Ele não nos trata como coisas, nomes, números, títulos ou estorvos. Ele também não quer que tratemos os outros como nomes, mas como pessoas. É por isso que não sabemos o seu nome, já que ele se apresenta como aquele que é. Ele não cabe num nome.

Ele não nos trata por nossos títulos ou rótulos, que são formas de esconder e não de apresentar. As imagens que projetamos sobre nós mesmos são um refúgio seguro para a nossa hipocrisia, como mostra bem o filme “Um sonho de liberdade”, com Tim Robins e Morgan Freeman. Nele, o diretor Frank Darabont apresenta um diretor de penitenciária imoral (Bob Gunton), violento e corrupto escondido atrás da Bíblia e dos atributos de Deus. Ele ensinava princípios divinos aos presidiários, enquanto os espancava e roubava.

O personagem faz lembrar outro, real, trazida a lume no livro Maravilhosa Graça, de Philip Yancey (Editora Mundo Cristão). Trata-se de um personagem real, moralista, preocupado com a imoralidade no mundo, racista, que usava a Bíblia para justificar seu ódio, mas que acabou preso por assédio sexual. Deus odeia

os moralistas. É raro um moralista honesto.

É também por isso que Deus detesta ser tratado como ídolo (um deus com nome, um deus em forma de coisa). A um ídolo não se adora, um ídolo se usa. A um ídolo se engana. Um ídolo nada faz, porque é feito, cabendo em nossas mãos ou mentes.

A Bíblia, portanto, nos ajuda a entender o que significa ser parte do povo de Deus. A expressão bíblica é que somos ovelhas do seu pasto: *Ele é o nosso Deus, e nós [somos] povo do seu pasto e ovelhas de sua mão* (Sl 95.7). Daí poder chamá-lo de *nosso Deus, nosso Pai e nosso Senhor*.

Eu faço parte do seu povo porque ele me formou. Eu faço parte do seu povo porque ele me redimiu. Muitos redimidos ainda não entenderam que é a redenção que nos torna seu povo.

Os judeus foram o primeiro povo de Deus, porque o Senhor o formou, conduziu-o até uma terra específica e providenciou um sistema religioso para orientar este povo na ação e na adoração.

Em, com e por Jesus Cristo, Deus ampliou o tamanho desse povo, formando agora não mais por herança, mas por escolha; não mais por descendência, mas por dependência. Faz parte do povo de Deus todo aquele que depende dele como Senhor, todo aquele que decide aceitar a sua obra redentiva, por meio de Jesus Cristo. Na redenção, em que somos admitidos aos segredos do seu reino, “ficamos livres para crer e mergulhar

na fé, porque Deus nos chama, livra, ilumina, liberta e agracia”.<sup>2</sup>

Ser povo de Deus significa que somos parte de uma comunidade, nutrida pela graça de Deus. Como escreveu alguém, a fé é uma língua, uma cultura, um estilo de vida.<sup>3</sup> A igreja-comunidade é o lugar-espaço-momento em que aprendemos a falar essa língua, a mergulhar nessa cultura, a cultivar esse estilo de vida.

Só conseguimos aprender a cantar a música da fé se a praticarmos. Precisamos de toda a comunidade cristã para aprendermos a ser cristãos. É necessário falar a língua dos santos, cantar a língua da fidelidade como nossos melhores hinos o fazem, conversar com a igreja de todos os tempos à medida que ela exprime o que significa seguir Jesus. É necessária uma vida inteira de imersão nos textos das Escrituras, encharcando-nos dessa língua a tal ponto que, ao deixar a Bíblia de lado, possamos improvisar a língua em todas as situações com que deparamos.<sup>4</sup>

Em outras palavras, nós precisamos dos nossos irmãos. Por isso, somos parte de uma igreja e devemos nos envolver nela, buscar a sua edificação como corpo vivo de Cristo. A oração é o motor da vida deste corpo. É isso que Deus quer dizer quando nos constitui como seu povo e nos chama de seu povo.

<sup>2</sup> PETERSON, Eugene, DAWN, Marva, op. cit., p. 49.

<sup>3</sup> LINDBECK, George. Citado por PETERSON, Eugene, DAWN, Marva, op. cit., p. 28.

<sup>4</sup> PETERSON, Eugene, DAWN, Marva, op. cit., p. 28.

LIÇÃO

1

**TEXTO BÍBLICO****GÊNESIS 28.10-22;  
32.9-12****TEXTO ÁUREO****GÊNESIS 49.18**

# JACÓ, UM HOMEM DE ORAÇÃO

**» PRA COMEÇAR**

Pensamos em Jacó como um homem de ação e mesmo de manipulação, mas ele era também um homem de oração. Suas vitórias vinham da oração.

O livro de Gênesis registra três orações proferidas pelo neto de Abraão em diferentes momentos de sua vida.

## » COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

**Gênesis 28.10-22: “Então o Senhor será o meu Deus”** – Depois de uma desavença familiar, Jacó saiu de casa, em Berseba. Seu irmão, a quem enganara, estava disposto a matá-lo. Só lhe restou o caminho para a casa de um parente, a 800 quilômetros de distância. Sozinho, de noite improvisava leitos e usava pedras como travesseiro, na viagem a pé de um mês.

Numa dessas noites, ainda no início da jornada, em Luz, que ele mudaria para Casa de Deus (Betel), Jacó teve uma experiência espiritual que começaria a transformar radicalmente sua vida.

Diante dele estava uma escada que ligava a terra ao céu. Ao seu lado, Deus lhe prometeu o que garantiria ao avô e ao pai, assegurando que estaria com ele todos os dias e faria com que voltasse em segurança para a casa dos seus pais.

Era um sonho. Quando acordou, ainda assustado, tomou a pedra que lhe servira como travesseiro e a fincou no chão, como se fosse uma coluna, pegou um pouco de azeite de oliva que trazia na sua bagagem, derramou-o sobre a rocha como um ato de dedicação daquele lugar e fez uma promessa.

Depois, deixou a cidade, rumo ao seu destino.

E o que fez ele com seu voto, quando retornou àquele numinoso lugar, 20 anos depois?

Ao passar por Betel, são e salvo e agora com uma família, Jacó construiu ali um altar. Era sua maneira de dizer que cria no Deus que o livrara de tantas dificuldades. Era sua forma de cumprir a promessa feita na hora da escassez plena.

Podemos orar ao Deus de Betel (Gn 35.10) como fez o filho de Rebeca? Podemos fazer votos a Deus que faremos isto ou aquilo se ele nos abençoar, como fez Afonso?

Afonso (achava que) estava nas últimas num quarto do Hospital da Ordem Terceira, na Usina, um dos bairros altos da Tijuca, no Rio de Janeiro. Por isso, quando o pastor da sua igreja, onde não ia há alguns anos, foi visitá-lo, recebeu-o com um sorriso, embora triste. No meio da conversa, fez então uma promessa que não lhe fora cobrada.

– Se eu ficar bom, pode mandar preparar uma sala para mim. Não vou sair de lá. Vou trabalhar como voluntário pelo resto da minha vida. Pode contar comigo no que for necessário, dentro ou fora da minha área.

Afonso, que sofria de graves problemas cardíacos, ficou bom e teve alta, mas nunca apareceu na igreja,

nem mesmo num culto de domingo para agradecer. Ele sequer deixou um ex-voto, este gesto materializado de gratidão muito comum na cultura brasileira. Por meio de uma placa, de uma estatueta, de uma pintura ou de algum outro objeto, o ex-voto é uma manifestação, deixada por alguém que fez um voto (promessa) a Deus e foi atendido em seu desejo. Museus e igrejas antigas no Brasil estão cheios destes objetos.

Evidentemente, o número de votos (promessas) é maior que o de ex-votos (milagres feitos). Entre os faltantes está Afonso, mas não está Jacó, o filho de Isaque e Rebeca e neto de Abraão e Sara.

A oração de Jacó é fruto de uma fé iniciante, que só vê Deus em ação quando ele se manifesta de modo concreto.

Na hora do desespero, podemos orar assim. No entanto, devemos, em nosso relacionamento com Deus, pedir-lhe que nos ajude em nossa fraqueza, esta de nos encantarmos com bênçãos visíveis.

Nesse tempo, podemos fazer promessas. Jacó estava no início de sua jornada de fé. Deus ainda era o Deus dos seus pais, mas estava se tornando o seu Deus agora.

Só devemos fazer promessas que pretendemos cumprir. Todas, contudo, devem ser feitas como uma afirmação da nossa dependência de Deus. É como se Jacó dissesse: “eu só terei roupa e comida e só voltarei em segurança, se Deus estiver comigo”.

O que ele pediu foi o básico (alimento e segurança) para cada dia, que é o que devemos esperar (Mt 6.25-34).

**Gênesis 32.9-12: “Deus de meu pai Abraão e Deus de meu pai Isaque, sou indigno”** – Desde aquela primeira oração (Gn 28.10-22), a vida de Jacó mudou radicalmente, menos o desejo de voltar para a sua terra natal.

Ele chegou a Harã sozinho e agora sai com uma família. Chegou com um cajado (com “a roupa do corpo”, diríamos) e agora volta com um guarda-roupa completo. Chegou com uma mão na frente e outra atrás e agora retorna cheio de bens, por causa da bondade de Deus, da qual não se achava digno.

Agora, era tempo de partir, decorridos 20 anos. Seria difícil levar tanta gente, tantos rebanhos, tantas cargas, mas não era essa a maior dificuldade. Havia também um rio (o Jaboque) a atravessar, mas não era essa a maior dificuldade. O grande problema era Esaú, que prometera vingança e agora estava perto para cumpri-la.

Jacó estava com medo, com muito medo. Que poderia ele, com sua família, contra seu furioso irmão Esaú e seus 400 guerreiros armados? Ele e os seus seriam massacrados, a menos que Deus mais uma vez entrasse em ação. Foi o que aconteceu. Depois que os dois fazem as pazes, Jacó declara que viu no rosto do irmão a face de Deus (Gn 33.10) e segue sua viagem, em segurança.

Quando se dirige ao Deus de Abraão e de Isaque, Jacó mostra que conhece o Senhor que age na história. Ele não ora a um deus novo, que desponta ora aqui, ora ali, prometendo mundos e fundos que vão para os seus autopropalados sacerdotes. Ele ora ao Deus que tem história, que age há muito tempo e que se manifestou em Betel, e ele viu, e também em Berseba, como seus pais lhe contaram, desde os tempos do seu avô. Jacó estava feliz porque nascera num berço de homens e mulheres que tinham Deus como Senhor. Jacó estava radiante porque conhecia as promessas de Deus, a ele renovadas, e confiava que ele as cumpriria. Por isso, podia orar. E orava.

**Gênesis 49.18: “A tua salvação espero, ó Senhor”** – No Egito, levado pelo filho José, por causa da seca em Canaã, Jacó sente que sua vida está próxima do silêncio. E ainda não abençoara seus filhos, como seu pai Isaque fizera com ele tantas décadas atrás em Berseba.

No mundo antigo uma bênção era como uma profecia a ser cumprida. Por isso, o próprio Jacó, quando era jovem, fraudou para ser abençoado pelo pai que, tendo descoberto o engano, não pôde retirá-la e repassá-la a Esaú.

Agora, chama os 12 e os abençoa um a um (Gn 49), depois de ter feito o mesmo com os dois netos, filhos de José (Gn 48.8-22). De repente, no meio da grande bênção, de 33 versículos e 500 palavras, uma oração,

um pedido dirigido a Deus, com apenas sete palavras.

Esta oração é um ponto de exclamação, como um grito da alma, como a oração do Vivaldo, no antigo e pequeno templo da Primeira Igreja Batista de Piracicaba, SP, no centro da cidade. O pastor lhe convida para orar. Ele se levanta, o saxofone pendurado ao pescoço, e abre o seu coração diante de Deus. Aturdido por problemas familiares, ele não faz uma oração didática, em nome do público ali presente. Sua oração foi uma coletânea de interjeições de angústia. Cada frase era entrecortada por um suspiro de dor. Cada frase era uma variação daquela prece da parábola em que o publicano exclamava: “Deus, tem misericórdia! Perdoa este pecador” (Lc 18.13).

Vivaldo fez como Jacó. O publicano orou como Jacó. O cego de Jericó clamou como Jacó (Mc 10.48). Todos os necessitados devem orar como Jacó nesta sua conversa da alma, em que se pode ver o coração de Jacó.

Em 32 versículos Jacó abençoa seus filhos. Em apenas um versículo ele pede por si mesmo. Ele tem compaixão dos outros, mas tem compaixão por si mesmo. Ele ama seus filhos, mas ama também a si mesmo. Ele reservou um tempo para orar por si mesmo. Nós precisamos reservar um tempo para orar por nós também.

## » A LIÇÃO EM FOCO

1. Como Jacó, devemos ser prontos para agradecer, jamais nos portando como aqueles nove leprosos curados por Jesus que não voltaram para agradecer (Lc 17.11-19). Nossa meta deve ser: recebemos? Agradecemos. Jacó fez isto no momento em que recebeu e, décadas depois, seu coração ainda era agradecido.

2. Em sua oração, poderia lembrar que trabalhou muito, dia e noite; poderia lamentar que foi enganado por seu sogro; poderia concluir que fora sábio e por isso, conquistou o que conquistou. No entanto, ele prefere reconhecer que foi tudo bondade de Deus. Como escreveu o rabino Abraham Joshua Heschel, “a oração começa onde nosso poder termina”.

3. Se ainda não experimentamos a salvação oferecida por Jesus, devemos desejá-la. Na verdade, neste processo só entramos com o desejo, porque a salvação é uma ação de Jesus por nós, livrando-nos do poder do pecado e dando-nos acesso direto ao Pai por meio do perdão lançado da cruz.

## » PRA TOMAR UMA ATITUDE

Se Jacó, tendo os defeitos que teve, orou e foi atendido, nós também podemos orar. A oração não é para homens e mulheres perfeitos, mas para mulheres e homem que dependem de Deus.

Quando nos pomos em oração diante de Deus, ele vai moldando o nosso caráter para sermos as pessoas que ele espera que sejamos.



# A MULHER QUE ORA COM LÁGRIMAS

**TEXTO BÍBLICO****1SAMUEL 1; 2****TEXTO ÁUREO****1SAMUEL 1.11**

## » PRA COMEÇAR

A Bíblia nos fala de mulheres de oração. Uma delas foi Ana, de quem conhecemos duas intensas preces.

Aprendemos com ela o que deve fazer uma mulher que não pode engravidar, sonho da maioria das mulheres (Jz 11.37).

É muito comum não consultar a Deus sobre assuntos desta natureza. Buscamos a medicina. Num tempo em que não havia tecnologia médica para a infertilidade, Ana buscou o Senhor Deus. Hoje, pais e mães em dificuldade para conceber, devem orar; além de orar, devem buscar o recurso médico ou a habilitação para adotar.

## » COMENTANDO O TEXTO BÍBLICO

**Devolvendo a bênção – primeira oração de Ana: 1Samuel 1** – Em meio a uma decadência moral e espiritual grave, uma família buscava viver de modo íntegro: a família de Elcana, formada por ele, suas duas esposas, Ana, sem filhos, e Penina, com vários filhos. Naquela época, recordemos, um homem ainda podia ter várias mulheres, sem que isto fosse visto como algo errado. No Novo Testamento, a monogamia é afirmada como um ideal claro (Mt 19.4; 1Co 7.2; 1Tm 3.2,12).

Como parte de sua vida de fidelidade a Deus, todo ano saíam de Ramá, onde moravam, e faziam uma romaria, por 24 km até Siló. No santuário dessa cidade, eles prestavam seu culto anual a Deus. O culto era um misto de alegria e tristeza. Todos esperavam aquele tempo de peregrinação, para a qual se preparavam o ano todo. Penina e seus filhos se divertiam muito. Ana chorava o tempo todo. Elcana tentava consolá-la, Elcana a agradava, Elcana a acariciava, mas não adiantava. Ela queria ser mãe.

Numa destas romarias, Ana resolveu ser clara no seu desejo diante de Deus. Ela estava ainda amargurada, mas decidiu apresentar seu pedido a Deus. Foi uma tarde inesquecível aquela, em que não almoçou, tanta tristeza. Foi uma tarde de oração, de oração silenciosa, regada a lamentos e lágrimas.

O pastor do templo, Eli, achou que estava embriagada, porque ela orava com intensidade, mas em silêncio, entrecortado apenas por seus soluços.

Eli se mostrou insensível diante de uma oração intensa e fora dos padrões, quando devemos aprender a respeitar as diferenças no ato de orar e adorar.

Precisamos cuidar para que, em nossa casa, em nossa igreja, em nosso trabalho não sejamos como Eli, insensíveis e indiferentes às dores dos outros. Se somos testemunhos de orações cheias de lágrimas, devemos ser consoladores. Se ouvimos apelos por ajuda, devemos ajudar, e não julgar como Eli fez. Se as orações são bonitas ou feias, este nosso julgamento não tem nenhuma importância. O publicano não orava bonito, mas foi atendido. O fariseu, que era mestre na arte de orar, não foi abençoado.

Quanto à Ana, ela orava de modo diferente dos outros. Era como se orasse “com gemidos inexprimíveis” (Rm 8.26). Ela queria um filho, mas não se achava digna de orar em voz alta. Ela sofria em sua infelicidade, mas sofria calada, para não incomodar seu marido e para não ser ainda mais desprezada por Penina. Ana pediu emocionada um filho, repetindo a promessa que, se fosse atendida, entregaria seu filho para

ser um sacerdote tão dedicado que jamais (e não apenas por um tempo, como previa a lei em Números 6.1-21) cortaria sua barba e seu cabelo.

Eli a via e, no finalzinho da tarde, sugeriu que fosse embora. Sentindo-se aliviada, ela comeu um pouco e se juntou aos seus familiares,

No dia seguinte, voltaram para Ramá e ela logo ficou grávida. Deus tinha respondido à sua oração.

Ana não se esqueceu da sua promessa. Enquanto o resto de sua família voltava a Siló para cultuar a Deus, ela amamentava o menino. Quando o desmamou, possivelmente aos três anos de idade, ela o levou ao santuário e o dedicou ao serviço religioso. Ela poderia resgatar seu menino, oferecendo um sacrifício substitutivo, mas sua promessa não comportava atalhos.

Assim fez Ana, a estéril que Deus tornou mãe.

Há várias estéreis na Bíblia: Sara, Rebeca, Raquel, a esposa de Manuá e Isabel. No entanto, Ana é o caso mais dramático.

E todas elas, pela intervenção de Deus, engravidaram. Nem a esterilidade, essa humana impossibilidade, entra na lista das coisas impossíveis para Deus.

A responsabilidade de Ana foi notável, como admirável foi sua oração.

**Teologia nascida da experiência – segunda oração de Ana: 1samuel 2** – Na Bíblia, as mulheres também cantam.

Lemos que, no século 15 a.C., “Miriã, a profetisa, irmã de Arão, pegou um tamborim e todas as mulheres a seguiram, tocando tamborins e dançando. E Miriã lhes respondia, cantando: Cantem ao Senhor, porque triunfou gloriosamente e lançou ao mar o cavalo e o seu cavaleiro” (Ex 15.20,21).

Débora também cantou, no século 12 a.C., para celebrar uma vitória militar sob sua liderança (Jz 5).

Para elogiar o (futuro) rei Davi, quase três séculos depois, mulheres anônimas cantaram em público (1Sm 18.7).

No início da era cristã, Maria de Nazaré cantou para agradecer a Deus por sua gravidez. Pelas semelhanças com a canção de Ana, Maria a conhecia e tinha a ideia geral do antigo cântico na memória:

“A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador, porque ele atentou para a humildade da sua serva. [...] O Poderoso me fez grandes coisas. Santo é o seu nome” (Lc 1.46-49).

**O cântico de Ana começa com uma oração** – Primeiramente, ela fala de sua alegria por ter Deus respondido a sua oração e lhe dado um filho. A infertilidade era um inimigo a ser vencido e Deus lhe deu vitória completa, libertando-a da humilhação da esterilidade.

Depois, ela exalta a Deus, falando a ele como o via. Ana não tinha treinamento teológico, como seu filho teria, mas se referiu a Deus, a partir

de sua experiência, com profundidade e clareza.

**Deus liberta.** Todo o tema da Bíblia se centra em Deus como libertador (ou salvador); ele liberta os hebreus da escravidão no Egito, por meio de atos extraordinários; ele liberta (salva) os seres humanos da escravidão ao pecado, por meio do sangue de Jesus Cristo derramado da cruz.

**Deus é santo.** A Bíblia é também a história de Deus, que é santo (diferente, separado) e requer que aqueles que o amam também sejam santos (Lv 11.44; 1Pe 1.16).

**Deus é incomparável.** Ao homem moderno soa estranha a declaração de que “não há outro Deus” além de Deus. Em sua língua (o hebraico), Ana emprega duas palavras: Yahweh (ou Jeová) e elohim (ou deus). Seu coração exulta em Yahweh, que é santo; ela se alegra que não há nenhum elohim (deus) como Yahweh.

Além disso, mesmo entre os seus contemporâneos, aceitava-se a ideia de que houvesse outros deuses. Os povos vizinhos adoravam outros deuses imaginários, como Baal, El e Quemós, entre outros. Depois dessa declaração de fé por parte de Ana, de que não há ninguém semelhante a Deus (Yahweh), encontramos muitas outras como 1Crônicas 17.20; Salmo 71.19; Salmo 86.8; Jeremias 10.6), sendo Miqueias 7.18 um ponto elevado:

“Quem é semelhante a ti, ó Deus, que perdoas a iniquidade e esqueces da transgressão do remanescente da sua herança?

O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na misericórdia” (Mq 7.18).

O profeta Miqueias prenuncia a singularidade de Jesus, o único que pode perdoar pecados e que é sempre graça e amor.

Por isso, Ana entendia que estar viva na consciência da presença de Deus é estar na segurança de quem pisa numa rocha (Sl 28.1).

Assim como a oração-lamento estava cheia de emoção, a oração-canto está cheia de convicção.

A história de Ana se encontra com a histórias de muitas mulheres de nosso dia, como foi o caso de Mariah, que demorou a fazer essa descoberta. Ela assistia aos cultos, primeiramente por causa dos sobrinhos, que adotara, e depois por seu próprio interesse, traindo todo o seu passado ideologicamente ateu. Numa noite, após o culto, ela procurou o pastor da igreja e comentou:

– Aprecio tudo o que você diz e estou revisando meus conceitos. Até acho que Deus existe, mas não posso aceitar que ele se preocupe com os nossos assuntos. Nossos problemas nós é que temos que resolver.

Mariah estava enfrentando muitos problemas com os sobrinhos que criava como filhos, problemas que se agravaram por diversas razões. Em meio a dificuldades, começou a orar, mesmo cheia de dúvidas, que foram desaparecendo com a descoberta que Deus se importava com ela. Algum tempo depois creu e foi batizada.

## » A LIÇÃO EM FOCO

1. Uma pergunta pode surgir: é válido um casal dedicar sua criança ao Senhor, para ser um missionário ou pastor? Uma resposta está na própria experiência do autor destas lições. Seus pais o dedicaram para ser um pastor, mas não lhe contaram, nem quando ele se matriculou no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil aos 19 anos. Só quando se tornou pastor, 24 anos depois, já aos 47 anos de idade, seu pai lhe contou do voto que fizera por ocasião da sua enfermidade enquanto menino. Ele o dedicara para ser pastor, caso sobrevivesse. Eles não escolheram pelo garoto, mas desejaram. Como não lhe contaram, o voto que não fez não lhe foi um peso, já que não o conhecia. Eles foram sábios e Deus fez a promessa deles se realizar, sem trazer conflito para o menino.

2. Ana cria num Deus que se ocupa das nossas coisas, das pequenas como das grandes, como a esterilidade. Um Deus que se importa é a maior descoberta que uma pessoa pode fazer.

## » PRA TOMAR UMA ATITUDE

Em nossas próprias orações, devemos nos matricular na escola de Ana, e orar com intensidade, até com lágrimas se elas traduzem nossas dores. Devemos orar com persistência, mesmo que não sejamos compreendidos. Não oramos para agradar pessoas, mas para nos apresentar como somos diante de Deus, que nos ouve, nos vê e sente a nossa angústia. Ele fez isto com Jesus. Ele faz isto conosco.